



## **O CURANDEIRO**

Para me certificar dessa estória  
Da vida e obra de Pedro Matulão,  
Andei por todo canto,  
Onde o povo de memória  
Falava do curandeiro santo,  
Nascido em nosso sertão.

Cheguei corrido no Ceará inteiro,  
Buscando em cada arraial,  
Nacional ou estrangeiro  
Que desse um depoimento,  
De cura ou sofrimento,  
Para desvendar o sobrenatural.

Caí na barra do Ceará,  
Na saia de Jacarecanga,  
Caçando por um mistério na  
boca do manga.  
Passei várias vezes no Jacatá,  
Fui a Sabiaguara,  
Lá fiz tranças e dei nó,  
Fiquei com os pés vermelhos  
Nas areias do rio Cotó.

Dei mais voltas em Porangaba,  
Remexendo pelos barracos.  
Conversei com pescadores  
prudentes,  
Vasculhando toda pista,  
Montei a cavalo nos cascos,

Desconfiei dos vigaristas.  
E para a estória não virar lenda,  
Me acheguei a Mucuripe  
Onde estão as lavadeiras.  
Aprumei no jegue até a Canoa  
Quebrada,  
Lá encontrei um camarada

Que não me deixou no relento,  
Me alugou um aposento  
Na estalagem do Felipe.

Naveguei na praia do Futuro,  
Para tudo me certificar,  
Subi a mansão sem muro  
No lombo de uma jumenta.  
Cavalguei à Iracema,  
Na estátua José de Alencar,  
Seu dedo apontava,  
Para o Farol Tiãozinho.  
Comi peixe no Portinho,  
Depois fui descansar.

Continuei pela Jangada  
Até a Areia Branca,  
Nas águas mais salgadas  
De toda essa andança.  
Encontrei uma Donzela,  
Curada pelo Chico. Mas comigo  
não pode falar.  
Tratando de sua irmã,  
Com sete galhos de arruda,

A donzela que foi cega, hoje era  
muda,  
Pela cura revelar.  
Fui dormir em barra mansa,  
De coração agitado.  
Tive um sonho esquisito, e meu  
espírito foi levado,  
No seixo de um alado.  
Meu anjo guardião,  
Fez um sinal com a mão,  
Para permanecer calado.



## CENTRO ESPÍRITA BENFEITOR



Segui a viagem pelas zonas  
infernais,  
Cruzei o Umbral fio a pavio,  
No meio de grande chuva,  
Vesti galocha e usei luva  
Em uma espécie de Navio,  
Nas águas abismais.

Não rezo, mas prece fiz,  
Avistei Nosso Lar,  
Sem poder me controlar,  
Conversei com André Luiz.  
Um espírito me indicou, onde era  
o meu destino,  
Temor grande me veio,  
De haver tanta friagem,  
Fui cair bem à margem  
D'um barraco de madeira,  
E quase me aperreio,  
A ver uma Preta velha  
Aparecendo na porta,  
Humilde e desenhavida,  
De espinhela toda torta,  
De pito feito de lenha,  
Me falou atrevida  
A velha rouquenha:

"Filho, você andou pelo mundo  
Procurando o Matulão,  
Que escondido no sertão,  
Não conseguiu achar.  
Vá ao bico do Carcundo,  
No suspiro da veia,  
No sabre do Leão,  
"Suncê" avista Cananéia,  
Vá reto até a Duna  
Das gordas areias do Lontra,  
E assim, "suncê" encontra,  
Seguindo pelo cheiro,  
Ao lado da choça do Luna,

A estância do curandeiro".

Voltei do sonho desatento,  
Anotando tudo na caderneta,  
O que vi no desdobramento.  
Segui da velha o roteiro,  
Na esquina vi Luna pernetta,  
À sombra do Abacateiro,  
Me perguntou por quem veio,  
Lhe dei explicação,  
Pedi que tivesse cuidado,  
Pois, era lugar reservado,  
A silêncio e oração.

E numa só puxada,  
Tirou de chave um molho,  
Sacou pelo ferrolho,  
E abriu o portão.  
Fiquei com medo do curandeiro  
Escolhido,  
Figura impoluta e honesta,  
Meio índio meio mulato,  
De cicatriz na testa.

Andava sem sapato, os pés livres  
no terreiro,  
Foi logo me convidando,  
Abrindo um velho trinco,  
De seu anciente barraco de  
zinco,  
Onde fazia o levedo,  
Não tendo entre nós segredo.

Vi tanta garrafada,  
Extrato pomada e unguento,  
Olhei para cima nas prateleiras,  
Quase caindo nas beiras,  
Tintura de mato bento.

Imbiri, Japacanga, Picão-branco,



## CENTRO ESPÍRITA BENFEITOR



Guanxuma, Damiana e Cardoso.  
Dorme-Dorme e suspiro não falta  
Caiaté, cajueiro e Cruz-de-malta.

Genciana para voltar a alegria,  
Conta tosse o Jambolão,  
Onze-horas contra hidropisia,  
Tarumã para a pressão.

Vendo a minha curiosidade, o  
Chico Matulão,  
Mais parecia Caipora,  
Em noite de assombração.  
Foi dizendo apressado,  
Ajeitando a velha manta,  
Para perguntar o que queria,  
Pois o tempo esvaia,  
Era quase hora da janta.

Disse eu:  
" – Só queria saber do senhor,  
Quem lhe concedu,  
Tamanho dom,  
Para abrandar o coração,  
Curar aleijado  
E restituir a visão,  
Lhe fazendo afamado,  
Por todo esse rincão?".

O Matulão me retrucou:  
" – Não lhe conheço rapaz e não  
sabe quem sou;  
Seu rosto nunca olhei,  
Mas lhe peguei confiança  
Pelo respeito falarei,  
Sua pergunta não tem resposta.

Muita coisa que não conheço,

Não deito a falar,  
Elogio não mereço,  
Sei que devo trabalhar.

Muito não passa de lenda,  
Engano, fetiche, mentira.  
A verdade toda gira,  
Na grande sabedoria,  
Que Jesus já dizia.  
Aceita teu irmão, tal qual ele é  
Paga as dívidas a Deus pela  
Moeda da fé.

Saí calado pensando como eu  
devia!  
Quanta gente orgulhosa,  
Que anda por aí prosa,  
Não passa de fantasia!

A estória de Chico Matulão,  
O curandeiro do sertão.  
Me calou fundo no peito,  
Para não enxergar defeito,  
E para encontrar a virtude,  
Fiz tudo o quanto pude.

Ensinei a quem quisesse ouvir,  
Da estância de Cananéia,  
Onde tive a clara idéia,  
Ensejando o porvir,  
De amante da liberdade  
A mais pura simplicidade,  
É que se ganha a salvação.

Desse homem lenda,  
Da areia seca do ribeiro,  
Sem retoque e sem emenda,  
O velho curandeiro,  
De nome Chico Matulão.

### Jair Presente

**Mensagem psicografada pelo Médiun Rinaldo De Santis em Reunião Pública,  
CE BENFEITOR – Rua Ercília, 252 – Camilópolis – S. André – SP - CEP 09230-570  
M 04 01 01 JAIR PRESENTE**